

# Mas eu amo-te... – Por Catarina Gomes

written by Catarina Gomes | 10 de Outubro, 2023



**Quantas vezes** não somos influenciados pelas narrativas românticas da nossa cultura, nos nossos filmes, séries, músicas e livros preferidos, onde “em nome do amor... vale tudo”? Heathcliff e Catherine, no seu romance marcado por ciúmes e vingança, Bella e Edward, dependentes mútuos e obsessivos ou, mais recentemente, Tessa e Hardin, marcados por abuso emocional, possessão e traição. **Mas é por que se amam, certo?**

Estudos recentes demonstram como determinadas representações do amor e das relações amorosas podem influenciar a **perpetração da violência** e constituir um fator que mantém as vítimas em relações abusivas. As concepções **tradicionais de amor**, frequentemente, idealizam a fusão completa e a codependência emocional entre parceiros. Isto é, a idealização

do amor como algo que deve consumir completamente uma pessoa...

A componente “passional” de um “amor intenso” legitima e idealiza, frequentemente, a alteração do estado normal do indivíduo, como forma de **exasperação emocional**, facilitando a adoção de práticas relacionais abusivas e violentas. Tolerada sob a conotação “**manifestações de amor**”, a violência na intimidade torna-se, assim, uma **prova de afeto**.

**Mas... onde tudo isto começa?** Que educação tivemos sobre relações **saudáveis e positivas**? Falamos disso **na escola**? E com os **nossos pais**? A aposta na educação **relacional e emocional** é, ainda, escassa ou mesmo inexistente. Esperamos que crianças e jovens criem relações, tenham estilos de comunicação adequados e saibam gerir as suas emoções, apenas a partir da sua interação social e **não da discussão destas questões**.

Deste modo, formamos adultos e idosos que estabelecem critérios de qualidade de uma relação e concepções de amor **com base nos ciúmes de Hardin, na dependência de Bella, na possessão de Edward, na vingança de Heathcliff** e em ditados populares como “**amores arrufados, amores dobrados**”. Estas e outras formas de cultura são, efetivamente, o maior veículo de normas, valores, expectativas e guiões de comportamento que constroem o modo como as pessoas fazem sentido das relações e se posicionam nas **relações de intimidade**.

**Ciúme, perseguição, controlo em saídas de casa, amizades e redes sociais, chantagem e manipulação emocional, ameaça, agarrar e/ou encurralar para um beijo forçado “apaixonado” são alguns de tantos exemplos de micro agressões, que fazem parte da violência psicológica**. No entanto, estes e outros comportamentos como codependência, sacrifício excessivo a custo próprio e ausência de limites, pertencem às concepções tradicionais de amor, e tem sido legitimados e **até romantizados**.

Questionaremos esses “**amores**” de Heathcliff e Catherine, Bella

e Edward, Tessa e Hardin?

*“Como assim não tens ciúmes? Não queres saber, de certeza que não gostas de mim!”*

O **ciúme patológico** é muitas vezes justificado em **nome do amor**, quando, na realidade, é uma manifestação prejudicial de **um amor possessivo**. O parceiro ciumento pode justificar comportamentos invasivos, como verificar mensagens, controlar as atividades e até impor restrições à liberdade pessoal do outro. Em muitas culturas, a violência, **quando enquadrada pelo ciúme**, é interpretada como um sinal e manifestação de amor.

*“É tão protetor que não me deixou sair de casa sozinha com os meus amigos”*

Conceções tradicionais de amor idealizam, frequentemente, o papel de um parceiro como **provedor e protetor**, e do outro como alguém que precisa de ser cuidado e protegido. O mesmo leva a uma dinâmica de poder desequilibrada em que um parceiro exerce controlo sobre o outro, camuflando-o como proteção.

*“É o que nós queremos e gostamos, somos um só, estar sempre juntos e partilhar tudo”; “Só precisamos um do outro para sermos feliz, afastamo-nos da família pelo nosso amor!”; “El@ é sempre preocupad@ comigo, já me telefonou tantas vezes a perguntar com quem estou e o que estou a fazer!”*

A fusão e anulação individual são comuns na idealização de um **“amor incondicional”**. Ademais, a ênfase na ideia de **“amor a qualquer custo”**, de que este envolve sacrifício e sofrimento, pode levar à tolerância de comportamentos abusivos e controladores. Um parceiro abusivo pode usar essa crença para manipular e controlar o outro, fazendo-o acreditar que o **abuso é uma expressão de amor** e a vítima, por sua vez, pode sentir que **é sua responsabilidade suportar esse sofrimento**.

*“Explicou que me fez trocar a saia por calças para não estar tão exposta, porque gosta de mim”*

As conceções tradicionais de amor podem, também, promover **estereótipos de género**, que contribuem para relações abusivas. A ideia de que os homens devem ser dominantes e as mulheres

devem ser submissas potencia a violência e controlo masculinos, tolerados ou mesmo encorajados.

*“Já sabes que o nosso amor é eterno, por isso tens de aceitar o que aconteceu, só a morte nos separa”*

Idealizações de um **amor eterno** e inquebrável leva os seus intervenientes a acreditarem que o abuso é uma parte inevitável do relacionamento e dificulta o seu reconhecimento. Após o casamento, o estigma associado ao divórcio ou ao término de relacionamentos de longo prazo intensifica, ainda, a ausência de procura de ajuda e contínuo da relação.

*“Proibi-o de fazer isso, porque ele precisa de ajuda e só eu sei o que é melhor para ele, ainda me vai agradecer”*

Por fim, a ideia de que um parceiro deve ser **“salvo”** ou **“consertado”** pelo amor legitima, muitas vezes, a mudança ou controlo do comportamento do outro. Esta tentativa de controlo é abusiva e prejudicial, uma vez que desrespeita a autonomia e a individualidade da outra pessoa.

Afinal, talvez a fantasia do **“amor doentio e provocador”** destas personagens não reflita o que é **desejável** numa relação. Se até aqui chegou, provavelmente **está a questionar-se** sobre a sua relação amorosa ou outras que conheça. Pode até sentir insegurança sobre uma eventual pessoa parceira e o amor entre vocês. **Não se apoquente**. É, na verdade, através deste desconforto de nos questionarmos sobre **o que é o amor**, as nossas relações com outros e conceções de romance enraizadas culturalmente, que promovemos **relações saudáveis e não abusivas**, baseadas no **respeito mútuo**, na comunicação aberta e na igualdade de poder. Lembre-se: **o amor em que para de se amar, não é amor. Nada vale em nome desse dito “amor”**. Porque esse **“amor”** é, na verdade, **abuso**.